

Varejistas do Sul criticam sacola do Sesi

Porto Seguro — A sacola do Serviço Social da Indústria (Sesi), com alimentos a preços 30% em média mais baratos do que no mercado, apresentada pelo presidente da Fiergs, Luís Carlos Mandelli, ao presidente Itamar Franco — que entusiasmado pretende estendê-la a todo o País — “não passa de uma balela”. A dura afirmação é do presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Paulo Afonso Feijó, que fez violentas críticas, acusando a Fiergs de agir “de forma ilegal” e de, na verdade, estar “subsidiando as sacolas com o dinheiro do próprio trabalhador”.

“A diferença dos preços é paga justamente pelo consumidor final, de forma indireta, na medida em que, no custo de cada produto em geral, está embutida a contribuição compulsória que as industriais recolhem mensalmente para o Sesi. E são estas contribuições compulsórias que pagam esta ‘boa ação’ do Sesi para com a população gaúcha. E é muito fácil ficar na ‘vitrine’ empunhando a bandeira do social com o dinheiro dos outros”, reclamou, indignado, o presidente da Agas, que deu “um ultimato” à Fiergs para a solução definitiva do problema.

Numa entrevista à publicação dos supermercados gaúchos, Paulo Feijó faz uma dura análise da sacola de produtos básicos do Sesi, da Fiergs, motivo de troca de críticas ao longo do ano passado entre as duas entidades empresariais. Nesta semana, o presidente da Fiergs, Luís Carlos Mandelli, apresentou ao presidente Itamar Franco os resultados do “sacolão” do Sesi, que num período de quatro meses passou de 10 mil unidades para 450 mil sacolas mensais. Além de industriários, a venda é feita aos trabalhadores em geral em quatro tipos de sacolas, com 13 a 15 produtos de alimentos, custando entre Cr\$ 139 mil e Cr\$ 285 mil.

O presidente da Agas rejeita que a sacola do Sesi seja mais barata, já que o consumidor não tem escolha, e os produtos “são de muito baixa qualidade”, enquanto os supermercados oferecem maior variedade. Para ele, se a Fiergs e as industriais associadas não conseguem aumentar os salários dos trabalhadores, que “continuem com seu ilusório sacolão, mas somente para os industriários, e acabem os convênios com as prefeituras”.

Paulo Feijó também diz que “o Sesi não paga os mesmos tipos de impostos que os supermercados na hora de vender suas mercadorias, não paga PIS, Finsocial e INSS na mesma base. A Fiergs é uma entidade sem fins lucrativos e não paga os impostos que os supermercadistas são obrigados a pagar. Ela paga impostos sobre a folha de pagamento dos funcionários, enquanto os supermercadistas recolhem impostos sobre seu faturamento total”.

Ele alertou que a Fiergs também faz “concorrência desleal” com a rede farmacêutica, pelas farmácias que espalhou pelo Estado, vendendo com descontos. “Se nada for feito, a Fiergs vai montar lojas de departamentos, lanchonetes ou fabricar roupas com a griffe Sesi”, ironizou.

Feijó também acusou a Fiergs e o Sesi de “privilegio e arbitrariedade”, já que fazer qualquer coisa no Brasil sem pagar impostos, com a carga tributária que incide sobre as empresas “é um grande negócio”.